

## BRASÍLIA QUE ME CRIOU

## Poesia rebelde

O poeta Sóter testemunhou o surgimento do movimento literário brasiliense. Noélia Ribeiro também faz parte da geração de escritores que celebra a capital

» ISABELA BERROGAIN  
» RICARDO DAEHN

Apesar das origens goianas, José Luiz do Nascimento Sóter, natural de Catalão, respira arte candanga desde a década de 1970. Nascido em 1953, o poeta Sóter, como é conhecido, desembarcou em Brasília em 1977, e de cara foi capturado pela cena literária brasiliense. Desde então, o artista, que faz parte da geração mimeógrafo de Brasília e foi responsável pela criação do selo Semim Sóter Edições Mimeográficas, participa ativamente do movimento cultural da cidade.

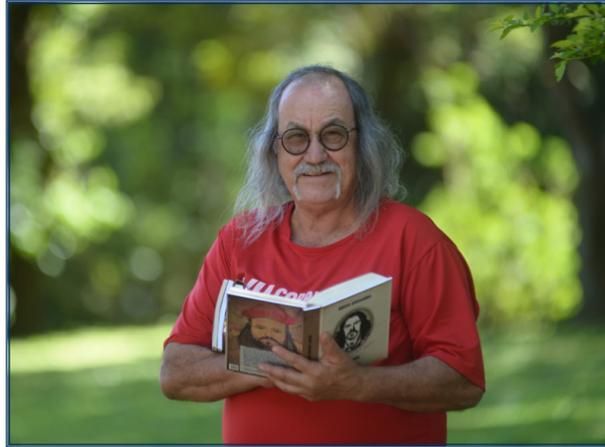
Sóter lembra que foi com a mudança para a capital federal, há quase 50 anos, que aceitou o destino literário. “Eu me assumi poeta aqui em Brasília, em 1977. E tudo foi graças à estupefação que tive ao ver Brasília com ares futuristas de ficção científica. Fiquei tão deslumbrado

que pensei logo: ‘É aqui que quero viver’. Assim nasceu o meu amor pela cidade e suas gentes, e me senti livre para ousar, mostrar os meus poemas e a minha poesia”, conta.

Segundo o artista, naquela época, ainda não havia movimento literário na cidade. Diante da falta de uma identidade própria da capital, uma mobilização artística surgiu, liderada pela então nova geração de moradores da cidade. Foi assim que criou-se “não um movimento”, segundo Sóter, mas “uma relação de cumplicidade entre todos e todas as que se dispuseram a produzir artes”. “Ninguém cobrava currículo de ninguém e ninguém inibia ninguém. Havia, sim, um companheirismo e uma admiração mútua por todos e todas”, descreve o artista.

Resultado da revolução artística brasiliense, a geração mimeógrafon teve Sóter como peça

Ed Alves/CB/DA.Press



Sóter foi um dos pioneiros da literatura brasiliense

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Noélia propaga a gratidão pela capital que a inspira

importante. Ele adquiriu um mimeógrafo a tinta usado e criou o selo Semim Sóter Edições Mimeográficas, dando oportunidade aos artistas de se expressarem em meio ao momento conturbado. “A geração mimeógrafo não foi um movimento, pois foi uma construção espontânea, como uma chama na vereda”, declara o artista.

Hoje, Sóter faz um paralelo entre os primeiros passos do movimento literário e os dias atuais. “A literatura brasiliense ainda tem muito do DNA libertário e contestatório da sua origem ainda no início de sua história, quando ela e seus artistas tinham quase a mesma idade de 16 anos. Basta você pegar os textos produzidos por toda a comunidade de brasilienses nativos, brasilienses adotivos e brasilienses do Entorno. Há uma linha ideológica em sua construção montada no humor, no escaço, na descontração da visão

do contexto e da alegria de quem vive com o mar sobre a cabeça e o horizonte na linha do olhar”, afirma.

“A cidade era nossa”

Não foram as avenidas e ruas de Pernambuco, onde nasceu, ou do Rio de Janeiro, estado que a acolheu, e no qual impulsionou os primeiros textos, que tornaram célebre a trajetória da poeta Noélia Ribeiro. Com a idade de Brasília, a atual moradora da Asa Norte era uma anônima pedestre, mas festejada anfitriã para parte da fina nata da cultura da capital, quando virou tema de poema assinado por Nicolas Behr, em 1979.

Um ano mais tarde, Nonato Veras, integrante do Liga Tripa, transformou o poema em música. *Travessia do Eixão* acompanhou as faixas do derradeiro álbum de estúdio da Legião Urbana em 1997 — Renato Russo tinha morrido no ano anterior. “Renato era fã do

Liga Tripa e do poeta Nicolas Behr. Acredito que por isso a tenha deixado gravada”, pontua a autora de seis livros, entre os quais *Espevitada e Escalafofética*.

“Sinto-me completamente brasiliense”, pontua a poeta, que lembra, saudosa, da época maravilhosa que vivenciou, na qual não havia ninguém produzindo cultura, exceto a turma dos “jovens artistas”. “A cidade era nossa”, simplifica ela.

Com a expressão de erotismo e paixões, ao longo da carreira, Noélia propaga a gratidão pela capital diferenciada que a inspira. “O verde e o concreto dialogam sem grandes problemas, assim como pistas retas e as curvas dos monumentos. Esses contrastes da cidade influenciam seus artistas e impactam sua criação. Tudo aqui é muito novo: Brasília tem uma história de apenas 64 anos”, sublinha.

## Rock gravado no DNA

» ISABELA BERROGAIN

Carioca radicada em Brasília, Daniela Firme ocupa importante espaço na música da capital federal. Fã de carteirinha do rock nacional, a cantora, que antes era figurinha carimbada na plateia dos principais shows do estilo musical, agora é a estrela dos palcos brasilienses. À frente da Rock Beats há quase duas décadas, Daniela se divide entre os papéis de líder do grupo, empresária e compositora.

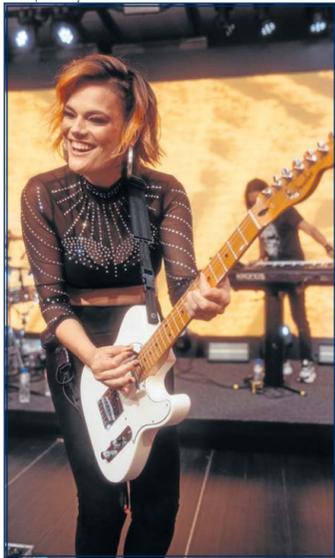
“Sempre gostei de música e de inventar moda, mas eu realmente caí na real que ia seguir esse caminho quando fui convidada para tocar em uma banda”, lembra. A carioca, que se considera brasiliense, integrou o grupo como baixista e, eventualmente, acabou assumindo os vocais da banda.

Aproveitando o espaço de destaque, Daniela começou a transformar suas composições, guardadas a sete chaves, em músicas de trabalho. “Quando eu vi, já estava apaixonada e querendo fazer daquilo a minha realidade”, relata. Movida por essa paixão, em 2005, fundou a Rock Beats, grupo voltado para releituras que rapidamente se tornou conhecido a nível local. “Estar à frente de uma banda que é apontada como nova geração do rock de Brasília e do rock nacional é um grande orgulho para mim.”

Daniela define o grupo como uma banda que “gosta de brincar com os limites do que é e não é rock”. “Tocamos música pop mundial, dessas divas atuais, com a cara do rock’n roll, e também clássicos da música popular brasileira com a nossa cara. Fazemos um show elétrico para todo mundo pular e se descabelar, assim como shows acústicos supercomportados e elegantes.”

Foi por meio dessa mescla de ritmos que o grupo conseguiu atingir diferentes públicos. “Acabamos convertendo, sem querer querendo, as pessoas para o rock, mostrando um outro lado do ritmo. Um feedback que a gente sempre recebe é: ‘Eu não sou roqueira, eu não sou roqueiro, mas eu amo o show de vocês’”, pontua Daniela, que também é dona da

Henrique François



A vocalista do Rock Beats, Daniela Firme: legado da música de Brasília valorizado

Musimix, produtora musical que cuida e agencia a carreira da banda.

## O céu é o limite

Após se estabelecer como um dos maiores nomes da cena musical de Brasília, a Rock Beats teve projeção nacional em meio à pandemia e, por meio das lives, conquistou novos públicos. Agora, a cada fim de semana, o grupo tem como missão viajar pelo Brasil levando o rock brasiliense.

“Nós temos a dimensão do peso do rock de Brasília, do tanto que nossa música é conhecida e respeitada Brasil afora. É uma responsabilidade muito grande carregar esse legado, mas isso também nos dá uma vontade ainda maior de mostrar que o rock de Brasília continua vivo”, defende a cantora. “Temos excelentes artistas aqui, muita coisa boa sendo feita e, pela primeira vez, temos iniciativas do governo para gerar essa identificação do rock brasiliense com a comunidade de Brasília, como o Dia do Rock Brasiliense e o tombamento do rock como patrimônio imaterial de Brasília”, lista

sescdf.com.br  
f t i sescdf

Sesc. Tem tudo e muito mais.

# PARABÉNS, BRASÍLIA

É um orgulho fazer parte dessa história e trabalhar todos os dias para transformar a vida dos brasilienses.

Uma homenagem especial do Sesc DF aos 64 anos da nossa Capital

Sesc

Fecomércio Senac